

O corpo adolescente privado de sua liberdade altera a prática de esporte?

REIS, Laudeth Alves dos
MOREIRA, Wagner Wey

Resumo: A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano e necessita ser compreendida no contexto de transformações e fenômenos ligados a essa transição considerada complexa. Assim, a prática esportiva pode favorecer o aumento das habilidades sociais como a relação interpessoal, a comunicação e redução do comportamento antissocial e, ainda, a ressocialização de indivíduos privados de liberdade ao partirem de uma motivação própria. As medidas socioeducativas são atribuídas, em geral, por infrações cometidas por adolescentes em condição de vulnerabilidade social como desamparo familiar e governamental, às drogas, a economia, às políticas públicas e, até mesmo, levando em consideração aspectos pessoais. O presente artigo pretende abordar tal fase do desenvolvimento, na condição de acautelamento, enquanto medida socioeducativa para autores de atos infracionais, tendo em vista a compreensão do corpo privado de liberdade e sua relação com o esporte.

Palavras chave: Adolescentes; Corpo privado de liberdade; Esporte.

Abstract: Adolescence is a stage of human development and needs to be understood in the context of transformations and phenomenon linked to this transition considered complex. Thus, sports practice can favor the increase of social skills such as interpersonal relationship, communication and reduction of antisocial behavior and, also, the resocialization of individuals deprived of freedom starting from a motivation of their own. The socio-educational measures are generally attributed to infractions committed by adolescents in conditions of social vulnerability, such as family and governmental helplessness, drugs, economics, public policies, and even considering personal aspects. The present article intends to approach this phase of development, in the condition of caution, as a socio educative measure for authors of infractions, bearing in mind the comprehension of the body deprived of freedom and its relationship with sport.

Keywords: Teenagers; Body deprived of liberty; Sport.

1. Introdução

Buscamos neste estudo trazer algumas reflexões acerca do corpo privado de liberdade e sua relação com o esporte. Como problemática abordamos a percepção do corpo à luz dos adolescentes em conflito com a lei e como vivenciam a corporeidade. Aliado a isso, de que forma o esporte pode favorecer nesse processo de busca de autonomia e ressocialização.

As medidas socioeducativas são aplicadas na situação de ato infracional grave cometido por adolescentes que, de acordo com os termos da lei, estejam na idade que compreende dos doze aos dezoito anos incompletos. Elas representam responsabilização pelo ato praticado, mas seu objetivo maior visa a ressocialização do adolescente em conflito com a lei, atendendo suas necessidades pedagógicas (VOLPI, 2014).

Para este estudo foi realizado um percurso metodológico que vislumbra uma pesquisa qualitativa e como instrumento de coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada. Os 64 sujeitos da pesquisa correspondem a adolescentes entre 12 e 18 anos que cumprem medida socioeducativa de internação, situada no estado de Minas Gerais. Os dados obtidos pela coleta foram transcritos e analisados de acordo com a Técnica de elaboração e análise de Unidades de Significado de Moreira, Simões e Porto (2005).

2. O corpo adolescente em privação de liberdade

Compreender o adolescente na amplitude do seu processo de desenvolvimento requer o entendimento da sua existencialidade enquanto um ser em constante interatividade com o mundo, com os outros e consigo próprio. Segundo Merleau-Ponty (2011, p. 6) é por meio dessas relações que se apreende o mundo, ao perceber e lhe atribuir significados, pois “[...] o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece”. Suas ideias nos permitem compreender o homem, em especial nesse estudo, o adolescente, de forma integral.

O momento conturbado de conflitos pessoais nada mais é que sua maneira de exprimir o corpo no mundo, “como presença viva, em movimento” (NÓBREGA, 2005, p. 64), pois marca a sua singularidade enquanto ser uno e inacabado em constante aprendizado. Nessa interação, transforma-se por meio da sua ação, (re)construindo sua personalidade e com isso, formando sua identidade pessoal, se conscientizando das responsabilidades.

Desprezar o corpo é negar a sua própria existência, uma vez que a corporeidade é presença em todos os atos humanos e, mesmo na condição de privado de liberdade, por um período temporário, o adolescente expressa por meio de movimentos que se constituem enquanto expressão, comunicação e criação. Entretanto, em todo gesto há uma significação marcada por sua existência corporal no mundo e essa necessidade de movimentar é que garante a vida. De acordo com Santin (2003, p. 66):

[...] todo indivíduo se percebe e se sente como corporeidade. É na corporeidade que o homem se faz presente. A dimensão da corporeidade vivida, significativa e expressiva caracteriza o homem e a distância dos animais. Todas as atividades humanas são realizadas e visíveis na corporeidade.

O uso que faz do corpo revela as relações a partir do contexto social a qual o indivíduo está inserido. Freire (1991) acrescenta que a condição do ser humano de nascer sabendo pouco, o diferencia dos demais seres, impulsionando-o a aprender incessantemente, rumo a autossuperação.

O corpo não pode ser concebido como mero objeto a ser disciplinado, manipulado, reduzido ao seu uso racional uma vez que vivemos a corporeidade e a partir dela delineamos nossa experiência de ser no mundo. A esse respeito Merleau-Ponty (2011, p. 14) afirmou: “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”. Essa relação estabelecida de conhecimento é consequência da experiência existencial da corporeidade.

Promover a humanização do adolescente privado de liberdade significa inseri-lo numa ação conscientizadora que possa efetivamente desenvolver suas potencialidades, buscando condições que o permita alcançar sua liberdade pessoal, enquanto sujeito protagonista de sua história. Nas palavras de Moreira (2001, p. 23),

O ser humano em seu processo de humanização, produz cultura, produz história, ao mesmo tempo em que é modificado pela cultura que produz é modificado pela história que realiza. Quando caminhamos para a superação, seja qual for o sentido dado a essa superação, já estão implícitos os sentidos de fazer, saber, pensar, sentir, comunicar e querer. Esses seis aspectos identificam o ser humano e definem sua corporeidade como condição de presença, de participação e de significação do homem no mundo.

O adolescente se mantém no dever e no processo de aprendizagem com maior motivação e desejo de crescimento pessoal quando sente que pode superar limitações e obstáculos. Para isso demandará de condições que lhe permitam possibilidades de viver a corporeidade, a partir do encorajamento de atitudes positivas que favoreçam a sua formação pessoal.

A relevância atribuída ao corpo nesse estudo reside no entendimento do caráter constitutivo do corpo para a compreensão e emancipação do ser humano, livre para o pleno exercício de sua corporeidade em consonância com o contexto social a qual está inserido (KUNZ, 2012; NISTA-PICCOLO, MOREIRA, 2012a).

Advogamos a corporeidade, no sentido de um corpo ativo, existencial que se faz presente no mundo, enquanto história e cultura, ao mesmo tempo em que a modifica e é modificado por ambas. Por isso, nos ancoramos no esporte à medida

que proporciona ao ser a valorização de um corpo possível que busca superações e que exercita a criatividade (NISTA-PICCOLO, MOREIRA, 2012a), mesmo àqueles em condições de privação da sua liberdade, que nos momentos propícios ao movimento do seu corpo, o faça consciente dos limites do seu pensar e agir.

Entendemos o esporte como veículo educativo (KUNZ, 2012; NISTA-PICCOLO, MOREIRA, 2012a) que permite aos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, a conquista da sua autonomia e cidadania. Isso deve ser cultivado por todos os profissionais envolvidos nesse processo como meio de integração social, aceitação, respeito às normas e regras de convivência, elementos básicos para obtenção do objetivo maior da medida: a ressocialização.

2.1 O esporte e sua abrangência

O adolescente privado de liberdade possui uma vida restrita, tendo sua autonomia e capacidade de decisão, regulado pela própria condição de acautelamento. Sua vida íntima, desde as necessidades fisiológicas e todas as demais atividades, como frequentar a escola (legalmente obrigatória), se consolidam em dispositivos disciplinares do sistema socioeducativo em meio fechado – internação – e dessa maneira, visam à submissão e controle do corpo. E o esporte se constitui num momento que o mesmo pode se revelar enquanto possibilidade de usufruir certa autonomia, ao expressar os diferentes movimentos. (DOMINGOS, 2014)

Galatti (2006), afirma que por ser o esporte um fenômeno de múltiplas possibilidades, promove, além da aprendizagem das questões técnicas e táticas, a discussão de valores. Reverdito e Scaglia (2009, p. 131) fortalecem a expansão das contribuições do esporte na formação humana ao afirmar que a Pedagogia do Esporte deve “permitir ao homem aprender a viver, a viver em sociedade, a compartilhar sua humanidade”. É dessa maneira que a vivência esportiva favorece o aperfeiçoamento da humanidade, o que justifica o seu valor social, sendo o momento propício para o desenvolvimento de ações que favorecem o trabalho em equipe, a socialização de diferentes sentimentos como alegria, tristeza, nervosismo, ansiedade, elementos dentre tantos outros presentes em práticas esportivas devidamente orientadas (KUNZ, 2012; NISTA-PICCOLO, MOREIRA, 2012a).

Reverdito e Scaglia (2009, p.37) asseveram que “o ensinar pelo esporte deve estar comprometido com a autonomia do ser humano, com a formação de cidadãos críticos”. Para tanto, uma das maneiras de contribuir com esta formação é proporcionar, através do processo de ensino, vivência e aprendizagem das modalidades esportivas englobando aspectos técnicos, táticos, motores, físicos, bem como a aquisição de valores e modos de comportamentos a partir de uma ação conscientizadora da prática educativa (PAES, 1996; KUNZ, 2012; NISTA-PICCOLO, MOREIRA, 2012a).

Diante do mito que o esporte atrai pela simples condição e objetivo em “passar o tempo” e “ocupar a cabeça” entendemos que para a eficácia dos projetos esportivos o conhecimento e a prática deve proporcionar acesso ao universo interior do ser humano, fomentando desejos e vontades, superação de limites, sensa-

ções captadas pelas conquistas e derrotas. Nista-Piccolo e Moreira (2012a, p. 42) enfatizam o sentido maior do esporte, pois “[...] conhecer e praticar o esporte nos permite vivenciar o corpo com suas possibilidades, seus limites, estabelecendo um diálogo entre as naturezas interior e exterior, existencializando a vida e o mundo”. De acordo com os autores, isso vem demonstrar o quanto o esporte contribui significativamente para a busca e manutenção de uma melhor qualidade de vida.

O esporte é um meio privilegiado para a formação humana por se tratar de um domínio cultural criado livre de finalidades existenciais ou mesmo de sobrevivência. Quando utilizado como instrumento educativo, seja em espaços formais ou não formais, ele demonstra sua importância desde que estejam presentes, conforme explicitam Nista-Piccolo e Moreira (2012b, p.23):

[...] o sentido de corpo possível e não de corpo perfeito; o conhecimento, e este transformado em sabedoria, para poder escolher quais as melhores formas de vivenciar as possibilidades esportivas; o ensino qualificado do fenômeno esportivo em sua interdisciplinaridade e em sua especificidade; o redimensionamento, por meio do esporte, do conhecimento corporal, passando de um corpo dócil a uma corporeidade ativa, a qual busca transcendência.

É dessa maneira que advogamos o esporte como uma conquista significativa na íntima relação com o mundo, presença viva e ativa em constante movimento. Isso porque a aprendizagem do mundo se faz com e por meio do corpo. (MOREIRA, 1992; BENTO, MOREIRA, 2012; NISTA-PICCOLO, MOREIRA, 2012b)

A esse respeito, Kunz (2012), defende uma transformação didática dos esportes que vise a totalidade de participação em igualdade de condições, apontando perspectivas e orientações capazes de superar o ensino repetitivo de movimentos padrões do esporte normativo por uma aprendizagem enquanto processo dinâmico que permita àquele que aprende, ser sujeito das suas próprias ações.

É nesse sentido que elucidamos a razão desse estudo em propiciar a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, possibilidades de conscientização do valor da prática esportiva, internalizando a relevância do hábito de sua prática diária. E a isso, implica o cuidado consigo próprio como, por exemplo, hábitos e alimentação saudáveis, furtando-se inclusive, do uso de substâncias prejudiciais à sua saúde. Necessitamos, em síntese, de contemplar o esporte nas suas múltiplas dimensões: educação, lazer e rendimento para que encontre neste uma atividade prazerosa, sem imposições, momento propício ao exercício de sua autonomia, enquanto ser humano que se movimenta intencionalmente na direção da superação ou transcendência (BENTO; MOREIRA, 2012).

3. Metodologia do estudo

Trata-se de um estudo qualitativo, caracterizado como exploratório-descriptivo. Essa abordagem permite compreender em profundidade os significados e

as formas de vida das pessoas, sendo válida para a observação de vários elementos ao mesmo tempo em um pequeno grupo (MINAYO, 2004). Participaram 64 adolescentes autores de atos infracionais, do sexo masculino, de um Centro Socioeducativo do Estado de Minas Gerais que cumprem medida socioeducativa de internação.

As informações foram coletadas por meio de uma pergunta geradora aplicada aos adolescentes em regime de Internação: Você praticava algum esporte que aqui está impossibilitado de vivenciar mas gostaria de praticar? Mencione qual(ais) esporte(s) e justifique o porquê.

Os dados obtidos pela coleta em formulários foram transcritos e analisados segundo a Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado de Moreira, Simões e Porto (2005) que, a partir dos relatos ingênuos dos sujeitos, identifica os indicadores e estabelece as unidades de significado. Esse processo facilita a compreensão do sentido das palavras dos sujeitos. Após análises foi possível definir a seguinte categoria temática: O corpo privado de liberdade e a relação com o esporte.

4. Resultados e discussão

Os atos infracionais praticados na juventude são um fato social que tem preocupado a sociedade, seja na parcela dos integrantes desta que se incomodam com esses problemas, buscando uma reflexão e possíveis soluções, seja naquela que se irrita e encontra-se amedrontada com a crescente violência. Em sua maioria, esses adolescentes autores de atos infracionais, são vítimas da própria sociedade. Para Cruz (2005), a infração é fruto, em primeiro lugar, do ambiente formado na família, ou pela ausência desta; depois, nas amizades constituintes do ambiente social, na escola ou grupos comunitários, na rua, já que a formação, o crescimento físico, moral e psicológico, dependem dos ambientes criados pelos adultos até que adquira a própria consciência da decisão e escolha ao atingir a maturidade.

Os 64 participantes da pesquisa são adolescentes do sexo masculino, com idades entre 12 e 18 anos, que cometeram ato infracional e como resposta estatal, a eles foi aplicada medida socioeducativa de internação, cumprida num Centro Socioeducativo do estado de Minas Gerais.

As respostas à pergunta geradora indicaram que entre os adolescentes pesquisados, 59 responderam praticar antes da medida socioeducativa algum esporte, exercício físico ou atividade artística. No entanto, não foi possível identificar se as atividades ocorriam através de algum programa social que poderia adotar a pedagogia do esporte, e que a vivência dessas atividades acontecia nas ruas. Somente cinco dos entrevistados relataram que não praticavam atividade alguma desse gênero não justificando suas respostas. Como registro digno de atenção, o único respondente que justificou a ausência do envolvimento com práticas esportivas apontou ser responsabilidade a sua dependência química.

[...] Gostava muito de jogar “bete” na rua, [...] soltar pipa que é uma atividade e aqui não pode. O resto aqui dentro pode fazer tudo: jogar bola, basquete... (16 anos).

[...] Quando eu estava na rua eu participava de vários jogos de futebol aos fins de semana, mas também era só isso, eu jogava, mas não treinava; não mantinha meu corpo físico. Eu jogava por eu gostava não porque era pra melhorar meu condicionamento físico i sim por lazer (17 anos).

[...] Sim, jogava bola de vez em quando e nadava na piscina, jogava capoeira, aqui dentro eu faço sim atividades físicas mais vez no mês ou na semana que ela na rua... (18 anos).

[...] Fazer natação, antes eu praticava natação. É uma parte de mim que eu gosto demais, não só pelas medalhas e também pela atividade física que eu gosto desde a minha infância e tudo tem questão de tempo, obrigado (16 anos).

[...] Eu sou apaixonado em futebol, peteca voleibol, basquete, só isso, praticava lá de fora só futebol quando eu saía do serviço e aqui dentro pratico as atividades físicas e obrigado a ajuda de vocês todos. (16 anos)

[...] Não fazia nada de atividade só usava drogas (18 anos).

Apesar da pedagogia do esporte não ser a solução para todos os problemas, é possível percorrer através dela os pilares da educação propostos pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura): aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser (DELORS, 2012). É possível utilizá-la para ajudar a enfrentar problemas comuns à realidade de comunidades carentes como: baixa autoestima; falta de pertencimento a um grupo; inexistência de expectativa de transformação, de quebra do círculo vicioso presente muitas vezes nas famílias; reduzidas opções para o distanciamento do tráfico, da violência, além da exclusão aos ambientes propícios ao desenvolvimento educacional.

Outras manifestações podem ser assim apresentadas: nove adolescentes indicaram a continuidade da prática esportiva sem problemas; já um aderiu recentemente e três conheceram no centro socioeducativo novas modalidades esportivas.

[...] Eu jogava futebol, eu trabalhava de pintor, agora vou começa praticar pintura (18 anos).

[...] Tudo que eu fazia lá na rua eu faço aqui como, joga bola, natação, desenha. (sem identificação da idade)

[...] Futebol, mas aqui pode (14 anos).

[...] Não. Aqui jogo bola. (sem identificação da idade)

[...] Eu mais gosto de futebol agora eu tô aprendendo outras coisas que eu estol gostando mais (15 anos).

Uma pesquisa sobre a atividade física e comportamento antissocial, identificou na análise de 175 programas o oferecimento de várias modalidades esportivas, atividades físicas e atividades ao ar-livre (ex.: escoteiro e acampamento) para jovens, cujo foco na maioria dos programas é a habilidade social e autoestima, valorizando mais a forma – o processo – como é realizada a tarefa para o jovem do que a prática em si. Desse modo, o envolvimento da comunidade é importante para o sucesso do programa e atividades em grupo são utilizadas para o desenvolvimento social. O que indica que a prática esportiva reduz o tédio e pode ser usada contra a baixa autoestima e baixa autoconfiança, aumentando as habilidades sociais como a relação interpessoal, a comunicação e redução do comportamento antissocial (MORRIS; SALLYBANKS; WILLIS; MAKKAI, 2003).

Oito depoimentos apontaram dificuldade de continuar com a prática da atividade e dez relataram a impossibilidade, reunindo dessa maneira, dezoito respostas equivalentes às unidades de significado “encontra dificuldade” e “impossibilitado”.

[...] Antes eu tinha a liberdade de sair com meu pai e mãe. Aqui dentro pra você ir no banheiro você tem que pedir (16 anos).

[...] Eu ia muito viajar para a casa de minha vó e meu vó e agora não posso visitá-lo. (17 anos).

[...] Praticava karatê e natação que aqui não tem como praticar (15 anos).

[...] Eu praticava capoeira jogava futebol e eu dançava axé e brincar com meus irmão. (16 anos).

[...] Sim, eu corria no campo, e isso era bom pra mim porque eu fazia um trabalho pra queimar caloria e coordenação motora (18 anos).

[...] Praticava muito bola, gostava de nadar, hoje em dia não posso praticar todos esses exercícios porque estou cumprindo a medida socioeducativa! (16 anos)

[...] Eu gosto muito de trabalhar na minha área de trabalho e que eu estou impossibilitado agora. (19 anos).

[...] Eu gostava muito de nadar e aqui não pode, isso me deixa muito triste eu queria um dia nadar, por que eu era acostumado nadar direto. (16 anos).

[...] Fazia sim, fazia grafite, fazia letras e hoje não posso fazer. Queria fazer grafite, bordado e várias coisas que hoje não posso fazer (17 anos).

[...] eu andava de skate e aqui sou impossibilitado de praticar (16 anos).

[...] somente futebol, aqui eu estou impossibilitado por causa da minha perna que está machucada. Eu gostaria de fazer natação para ajudar a minha perna porque é quase uma fisioterapia. (16 anos).

[...] Eu praticava natação e corrida e agora está difícil, por causa que

eu estou cumprindo uma medida sócio educativa, mais o que faço aqui é jogar bola, jogar peteca, vôlei e handebol (16 anos.)

[...] natação diariamente, jogava bola todos os fins de semana e etc. Hoje tô privado de várias coisas que fazia lá fora. Fazia amor diariamente com as garotas, etc (18 anos).

A sociedade, ao utilizar meios de controle dos indivíduos, faz com que a pessoa se ajuste segundo os sistemas definidos, pois a condição de acautelamento, retira do adolescente sua autonomia e capacidade de escolhas e decisões, uma vez que tem suas atividades reguladas. Mas as pessoas possuem características próprias, ideologias, crenças e formação familiares distintas. Não existe apenas um raciocínio e um caminho a ser seguido pelos integrantes do grupo social e, inevitavelmente, as diferenças podem acarretar, muitas vezes, situações de conflitos que podem culminar com a prática de um crime (CRUZ, 2005; VOLPI, 2014).

Se há um interesse na mudança do crescimento da violência, ela não ocorrerá com o aumento do caráter punitivo e isolamento da população que está à margem da sociedade. É nesse sentido que advogamos a premissa de que a prática esportiva pode ser um meio para auxiliar os adolescentes privados de liberdade a absorverem valores considerados positivos pela sociedade como forma de serem reintegrados à sociedade e não isolá-los (FERRETTI; KNIJNIK, 2009).

De acordo com os relatos, treze adolescentes demonstraram desejo de praticar algum esporte, exercício físico ou atividade que praticavam antes do cumprimento da medida socioeducativa, dentre eles:

[...] Corrida e natação, gostaria de praticar tênis (18 anos).

[...] queria ter oportunidade de dar aula de percussão. É isso que eu queria passar para os adolescentes (Não informou idade).

[...] Aqui só jogo bola, mais tudo tem sua hora eu tenho um sonho fazer curso de natação (16 anos).

[...] Eu praticava judô lá de fora, aqui dentro eu gostaria de praticar (16 anos).

[...] Tudo que eu fazia lá de fora eu posso fazer aqui, jogar futebol, vôlei pelo projeto Superação, mais aqui eu gostaria de fazer dança, música porque eu praticava quando eu estava lá de fora e eu gosto fazer esse tipo de coisa (17 anos).

[...] Sim, aqui eu pratico alguns, lá de fora eu praticava futebol, vôlei, basquete e gostaria de praticar aqui dentro (16 anos).

[...] Sim, eu praticava natação e capoeira e gostaria de fazer natação (17 anos).

[...] Eu estava começando a ir na academia, mais aqui onde eu estou eu fico meio impossibilitado de fazer e eu gostaria de voltar a fazer (17 anos).

[...] Praticava academia e virava mortais e eu corria muito, fazia caminhada, eu gostava da minha vida (15 anos).

[...] Sim, futebol de salão e fazer trilha, mas aqui está difícil de fazer esses tipos de esportes (18 anos).

[...] Eu fazia academia lá, mais aqui não pode eu fazia atividades de musculação (16 anos).

Uma possibilidade de reeducação – ressocialização – dos adolescentes privados de liberdade seria por meio da pedagogia da autonomia na Educação Física, pois esta se preocupa em oferecer a todos os indivíduos a capacidade de pensar na busca da solução de um problema por meio da cooperação. Segundo Freire (1996, p. 19) é importante reconhecer que “somos seres condicionados e não determinados” (grifos do autor), o que pressupõe elucidar que estamos abertos ao aprendizado com capacidade de ir além dos condicionantes, daí a relevância de se assumir como ser social e histórico, pensante, crítico e transformador. É nesse sentido que primamos por um fazer da prática esportiva que deixaria de ser a superação do mais fraco para ser a autossuperação, de maneira que um possa ajudar na dificuldade do outro (KORSAKAS; ROSE, 2002; KUNZ, 2012).

Sob a perspectiva pedagógica a Educação Física contribui para o movimentar-se/relacionar-se humano na e para a educação. Isto favorece a absorção de valores e modos mais adequados ao se deparar com situações do cotidiano, como ser capaz de auto organizar, de interferir no seu meio e de ser ético.

Segundo Kunz (2012), uma Educação Física aberta a novas experiências só se efetivará quando houver a superação das atividades rotineiras e aquelas baseadas na manutenção do sentido esportivo normatizado. Tais mudanças ocorrerão se fundadas num processo ação-reflexão-ação, o que implica em propostas que favoreçam o questionamento/reflexão e não a mera reprodução automática de aquisição de destrezas e habilidades.

Assim, a prática esportiva pode ser tanto um meio eficaz enquanto ação conscientizadora da prática educativa quanto alternativa de alívio das tensões características desta condição de acautelamento (FERRETTI; KNIJNIK, 2009), dada a condição de pessoa em desenvolvimento, “capazes de atos construtivos e reparadores” (VOLPI, 2014, p. 219).

Considerações finais

Dar voz aos adolescentes autores de atos infracionais é um trabalho essencial para a compreensão da forma como encaram a vida. Seus relatos ilustram a dificuldade que populações marginalizadas têm de se expressarem, ou melhor, de serem ouvidas e enxergadas. É uma maneira de expor os sentimentos dos sujeitos do estudo, o estigma de viverem confinados. O que se pretende afirmar é a possibilidade de superar situações como estas, destacando o esporte, exercícios físicos e atividades/trabalhos manuais como elo de superação e estímulo para sonhar novamente.

O esporte deve assumir seu papel na formação, desmistificando sua atuação apenas como atrativo para aqueles que precisam ocupar-se e livrar-se de más influências ou até mesmo brincadeiras, consideradas equivocadamente, sem valor. O trabalho esportivo precisa lidar com frustrações, presentes em qualquer condição natural da vida, encarando-o como aliado à superação de limitações e obstáculos, muitas das vezes necessários para um contínuo aprendizado.

Paralelamente à modalidade esportiva, um efetivo projeto socioeducativo necessita desenvolver outras atividades que permitam a autonomia e demonstrem a importância dos adolescentes no convívio social. Deve-se prezar o ser humano, sua sensibilidade, e não deixar que o condicionamento supere sua razão fundamental, o relacionamento entre pessoas.

O estudo ajudou a observar a importância do esporte na vida dos adolescentes, em especial, os privados de liberdade, atentando-se ainda à necessidade de mais estudos que possibilitem o desenvolvimento de projetos e programas ligados ao esporte visando a inclusão desses adolescentes na sociedade.

Referências

BENTO, J. O.; MOREIRA, W. W. **Homo sportivus: o humano no homem**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012.

CRUZ, S. C. G. V. Menor: infrator ou vítima? **Augustus**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, jan./jun. 2005.

DELORS, Jacques et al. (Orgs.). Educação: um tesouro a descobrir; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO; São Paulo: Cortez Editora, 2012.

DOMINGOS, R. S. **Pensando e Praticando o Esporte na Medida Socioeducativa: Orientações para Profissionais de Educação Física**. 152 p. Dissertação (Mestrado Profissional), Universidade Anhanguera de São Paulo, São Paulo, 2014.

FERRETTI, M.; KNIJNIK, J. D. A prática esportiva e atividade física podem educar pessoas atrás das grades? **Conexões**, v. 7, n. 3, p. 59-73, 2009.

FREIRE, J. B. **De corpo e alma: o discurso da motricidade**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALATTI, L. R.: **Pedagogia do esporte: o livro didático como mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

KORSAKAS, P.; ROSE, J. R. D. Os Encontros e Desencontros Entre Esporte e Educação: Uma Discussão Filosófico Pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 83-93, 2002.

KUNZ, E. (Org.). **Didática da educação física 2**. 4. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOREIRA, W. W. (org.). **Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI**. SP: Papirus, 1992.

_____. Qualidade de vida: como enfrentar esse desafio? In: MOREIRA, W. W. (org.). **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas: SP: Papirus, 2001.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005.

MORRIS, L.; SALLYBANKS, J.; WILLIS, K.; MAKKAI, T. Sport, physical activity and antisocial behaviour in youth. Australian Institute of Criminology Research and Public Policy Series, **Canberra**, n. 49, 2003.

NISTA-PICCOLO, V.; MOREIRA, W. W. **Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012a.

_____. **Esporte para a vida no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012b.

NÓBREGA, T. P. da. **Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. Natal: ed. UFRN, 2005.

PAES, R. R.: **Educação Física Escolar: o Esporte como conteúdo pedagógico no Ensino Fundamental**. 1996. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do Esporte: Jogos Coletivos de Invasão**. São Paulo, Phorte, 2009.

SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

VOLPI, M. (org.). **Adolescentes privados de liberdade: a normativa nacional e internacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

- Laudeth Alves dos Reis

UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3330613284585256>

- Wagner Wey Moreira

UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5798244047692726>